

Longa marcha rumo ao fim da violência doméstica

Notícias; Opinião e Análise; Pág: 09; 29. 956

CRISPIM MABULUKO

NOS últimos tempos temos acompanhado, através dos meios de comunicação social, em Moçambique, um conjunto de matérias informativas denunciando actos de violência doméstica perpetrada, de forma brutal, contra a mulher, o que denuncia, embora não um todo, parte da violência que pode estar a ser perpetrada longe das lentes dos meios de comunicação social e longe também da capacidade de denúncia da mulher.

E no meio a todos estes actos, uma das questões que não encontra resposta e abre espaço para o levantamento de hipóteses é o porquê deste tipo de actos e o porquê de as vítimas serem, maioritariamente (ou quase sempre), mulheres?

Temos de assumir que o espaço da mulher foi ofuscado pela história, que a história não foi nada bondosa para com as mulheres, que quase em todos os cantos do mundo sempre foram subjugadas, instrumentalizadas e coisificadas, até mesmo nas sociedades mais conscientes em matéria de direitos humanos que o mundo hoje nos apresenta.

Tal como um conjunto de minorias da sociedade teve de caminhar lon-

gas marchas para conquistar o seu espaço e ver os seus direitos respeitados e reconhecidos como é o caso das minorias raciais, trabalhadores, entre outros. As mulheres em todo canto do mundo e em Moçambique, em particular, terão de arregaçar as mangas e fazer esta "longa marcha" rumo a sua liberdade, reconhecimento e respeito pelos direitos humanos que lhes são assistidos.

Em relação aos factores que podem estar por detrás deste tipo de comportamento de violência brutal contra mulher, em Moçambique, podemos arrolar muitos, desde factores sócio-culturais, económicos, políticos e legislativos, porém, para o caso de Moçambique, o factor legislação não pode ser usado para justificar estes actos, pois somos um exemplo nesta matéria.

Aprovámos uma lei que protege, não só a mulher, como também a criança em casos de violência, porém, mesmo com estes dispositivos legais o movimento é inverso, ao que esperávamos: a lei não consegue travar estes actos. E assim somos convidados a assumir que temos ainda uma longa marcha rumo à libertação da mulher moçambicana.

E, na minha opinião, a causa disto tudo está inteiramente ligada a factores socioculturais (consciência, socialização).

Como é que somos educados e consciencializados para olharmos para a mulher dentro de uma relação ou dentro do lar? Somos educados e socializados para ter relações simétricas ou assimétricas? Aí estão, em minha opinião, os factores-chave que podem justificar este tipo de comportamento. Às mulheres, aos homens libertos nada mais lhes resta se não marchar. Esta marcha não pode ser só das mulheres, pois esta luta, não é só das mulheres; não só as mulheres precisam de se libertar, mas os homens que vestem essa marca de violadores também precisam marchar para se libertar das sombras socioculturais que os algemam, impedindo-os de viver de forma simétrica dentro dos lares, impedindo-os de ver a mulher de uma outra forma, menos instrumentalizadas.

Urge a realização de uma "Uma longa marcha rumo ao fim da violência doméstica praticada contra mulher! Uma longa marcha com enfoque na mudança de consciência!"